



# **Anarquitectura e desfronteirização: dois movimentos sobre ruínas<sup>1</sup>**

***Anarquitectura e desfronteirización:  
dos movimientos sobre ruínas***

***Architecture and deborderization:  
two movements involving ruins***

***Clara Barzaghi***

*Doutorando da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo  
da Unicamp, São Paulo, Brasil. c264177@dac.unicamp.br*

***Rafael Augusto Urano de Carvalho Frajndlich<sup>2</sup>***

*Programa de pós graduação em arquitetura, tecnologia e cidade da  
faculdade de engenharia civil, arquitetura e urbanismo da Unicamp,  
Campinas, São Paulo, Brasil. urano@unicamp.br*

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta considerações de pesquisa de doutorado em andamento desenvolvida na FEC Unicamp, com financiamento da CAPES e do Programa Capes-Print.

<sup>2</sup> Orientador da pesquisa de doutorado em andamento que deu origem a esse ensaio.

## Resumo

Influenciado pelas proposições de Jack Halberstam a respeito das possibilidades de pensarmos uma estética do colapso, este ensaio busca articular a noção de anarquitectura, tal como encontrada nas obras de Gordon Matta-Clark, ao trabalho de Francis Alÿs a fim de pensar a violência organizada dos nossos tempos, à qual Mbembe nomeou “fronteirização”.

**Palavras-chave:** Fronteirização. Brutalismo. Anarquitectura. Jack Halberstam. Achille Mbembe

## Resumen

Influenciado por las proposiciones de Jack Halberstam sobre las posibilidades de pensar una estética del colapso, este ensayo busca articular la noción de anarquitectura, tal como se encuentra en los trabajos de Gordon Matta-Clark, con la obra de Francis Alÿs para pensar la violencia organizada de nuestro tiempo, que Mbembe llamó “fronterización”.

**Palavras-clave:** Fronterización. Brutalismo. Anarquitectura. Jack Halberstam. Achille Mbembe

## Abstract

Influenced by Jack Halberstam's propositions about the possibilities of thinking about an aesthetics of collapse, this essay seeks to articulate the notion of anarchitecture, as found in the works of Gordon Matta-Clark, with the work of Francis Alÿs in order to think about the organized violence of our times, which Mbembe called “borderization”.

**Keywords:** Borderization. Brutalism. Anarchitecture. Jack Halberstam. Achille Mbembe

**E**ntre 16 e 17 de março de 2020, 1379 detentes<sup>3</sup> escaparam de seu isolamento forçado em quatro penitenciárias do estado de São Paulo. Sua fuga foi rebelião diante da decisão judicial de suspender o direito de saída temporária a mais de 34 mil detentes do semiaberto. Sua saída foi barrada com a justificativa de impedir a disseminação do coronavírus e não é difícil imaginar como alguém que foi atirado no sistema penitenciário não se interesse por nem um segundo a mais de encarceramento.

Dois anos e meio depois das rebeliões nos presídios de São Paulo, os jornais dos Estados Unidos da América se debatem sobre a expulsão de centenas de imigrantes que foram despachados do Texas e da Flórida para Martha's Vineyard, um local de férias para os ricos, dentre eles os Kennedys, os Clintons ou os Obamas. Apinhados em ônibus e aviões, imigrantes ou pessoas em busca de asilo não são bem vindes nas fronteiras do modelo global de democracia.

---

<sup>3</sup> Es autores optaram por utilizar o gênero neutro ao longo do artigo. O masculino foi mantido quando se trata de um Sujeito historicamente dominante.

Na semana do dia 17 de setembro de 2022 os governadores republicanos intensificaram seus esforços para transportar migrantes libertados da custódia federal na fronteira para jurisdições lideradas por democratas, enviando grupos de requerentes de asilo latino-americanos para Martha's Vineyard. Algumas pessoas foram, também, enviadas para uma rua movimentada perto da residência da vice-presidente Kamala Harris em Washington, DC. O governador da Flórida Ron DeSantis assumiu o crédito por levar cerca de 50 migrantes venezuelanos para a ilha na costa de Massachusetts. Na manhã de quinta-feira, o governador do Texas, Greg Abbott, se gabou de ter levado outro grupo de imigrantes de ônibus para uma rua perto do Observatório Naval, que abriga a residência oficial da vice-presidente. Não foi uma decisão tomada da noite para o dia.

Na falta de gente para caçar em seu próprio Estado, DeSantis expandiu sua cruzada anti-imigrante para além das fronteiras administrativas da Flórida e foi em San Antonio, no Texas, que levou a cabo os deslocamentos. Greg Abbott, que não estava diretamente envolvido na ação, aprovou a iniciativa de DeSantis, que fortalece a estratégia de deslocamento de migrantes em ônibus (OFFICE of the Texas Governor, 2022) para cidades como Nova York e Chicago, a fim de “fornecer alívio muito necessário às nossas comunidades fronteiriças sobrecarregadas e invadidas” (FOX NEWS, 2022, web) . Martha's Vineyard se tornou uma parada para o destino temporário em uma base militar próxima (MILITARY TIMES, 2022).

Se, no caso dos presídios de São Paulo, tratava-se de uma interrupção do movimento, no caso estadunidense é o movimento forçado que opera no cerne da brutalização. O que Achille Mbembe (2021) entende por Brutalismo, termo emprestado da arquitetura, está intimamente ligado à gestão e fabricação de vidas excedentes no capitalismo contemporâneo. Trata-se de uma forma de internalizar a guerra na vida civil, de naturalizar a guerra social, de forma que “livrar-se de indivíduos sem que ninguém exija explicações se torna a norma” (MBEMBE, 2021, p.48).

Produzir a excrescência da vida e a morte, controlar os fluxos e gerenciar os corpos se torna uma forma de produzir uma “sequência de coisas que, em um dado momento, conduzem a uma série de eventos fatais” (MBEMBE, 2021, p.46). É sobre

as vidas consideradas supérfluas e assinaladas como não dignas de luto (BUTLER, 2020) que o brutalismo incide de forma mais direta em termos de regulação da mobilidade, pois “a instituição carcerária desempenha, nos mesmos termos que a instituição fronteiriça, um papel preponderante na gestão global dos corpos virulentos e ‘em excesso’” (MBEMBE, 2021, p. 52).

Aqui, o que se pretende é olhar para um mundo sustentado pela combustão e punção (MBEMBE, 2021) das vidas encarceradas e desterritorializadas, que são ao mesmo tempo a lenha e o carvão de uma economia política dos corpos que garante o funcionamento desse mundo que, sob a ameaça de extinção, elege essas mesmas vidas como ameaça virulenta que deve ser exterminada. Apresento um ensaio em movimentos que podem parecer desconectados entre si à primeira vista, mas que em seus encontros permitem deslocar alguns quadros referenciais que sustentam a violência organizada dos nossos tempos. Assim, são entradas que não pretendem responder ou solucionar nada, mas ensaiam formas de encontrar palavras para nomear o intolerável da brutalização. Em um primeiro momento, é com um grupo de artistas vivendo em Nova York dos anos 1970, que podemos buscar desfundar a *arché*, para encontrar a atitude que torna possível pensar nas e com as ruínas. Por fim, lançamos mão de duas obras do artista Francis Alÿs para buscar quais atitudes podem ser possíveis diante do que Mbembe chamou de *fronteirização*.

## MOVIMENTOS EM DIREÇÃO ÀS RUÍNAS

Diante do tema que evoca os termos *tensão* e *contensão*, um autor pode enfrentar um dilema comum de quem lida com um binário e acabar pendendo para um dos termos. Aqui tenderíamos a voltar as atenções à *tensão* e, tentando escapar de tal movimento unívoco e de seu complemento binário forçamos nossa entrada pela *contensão* e sua gêmea *contenção*. Vale notar que o terceiro membro não garante, por si só, que consigamos, com isso, combater a estrutura engessada de certo tipo de pensamento. O tríptico que não tenha ao menos quatro partes nada mais é do que a continuidade de uma lógica binária *conformada* aos movimentos do presente século.

Considerando os três termos, o que se apresenta aqui é um experimento de contensão - uma meditação de concentração – sobre a materialidade de um mundo tecnologizado, mediado por smartphones, no qual uma nova forma do Humano está emergindo (MBEMBE, 2021). Com as notícias sobre detentes imobilizadas e migrantes forçados ao movimento, é possível olhar para o desejo de separação do presente século. Desejo de apartheid, como sugere Mbembe (2021, 2020), desejo por segurança, por contenção, pela construção de muros e pela reforma de fundações, a fim de melhor fixá-los. Para olhar o presente, realizaremos um salto ao passado, que pode ter muito a nos ensinar sobre as possibilidades de desfazer o mundo, ou melhor, de destruir esse mundo.

Os anos 1970 são antes da era digital e pode ser de grande utilidade olhar para o passado para pensar nós hoje. Seguindo os passos de Jack Halberstam, podemos pensar que desde o último quartel do século XX vivemos em um paradigma que suscita uma epistemologia do colapso (HALBERSTAM, 2021). E se a pandemia global causou um alerta sobre a finitude do planeta e da própria humanidade, há quatro décadas punks já aviam anunciado em alto e bom som: Não há futuro. Frente ao alerta do fim de mundo, o que queremos aqui não é pensar em como salvar ou reconstruir esse Mundo, que é o único que existe para a Humanidade que o concebeu. Propõe-se o movimento de olhar para os muros e fronteiras que não cessam de se erguer em movimento de contenção de montes de carnes humanas considerados podres. Talvez, assim, possamos aprender com quem há meio século trabalhava em tensão com o mundo construído, justamente com a intenção de o desconfigurar.

O termo usado por Halberstam é *unworlding*. O autor aqui adiciona o prefixo -un ao termo *worlding*. Uma breve observação sobre a palavra *worlding*; trata-se de um substantivo verbal declinado *world* (mundo) e o termo pode ser lido como a ação de enquadrar algo no mundo, mundificar. Spivak (1985a; 1985b) utilizou o termo para falar da sistemática produção arquivística e documental que postula a Europa enquanto sujeito, e da violência epistêmica que consiste em enquadrar no mundo o chamado “Terceiro Mundo”. Tal operação de mundificação consideraria a inscrição do “Outro” em um quadro referencial do mundo, pressupondo uma operação sobre uma terra de ninguém, sem inscrição. Em sua leitura, Spivak sugere que a

pressuposição de uma “terra sem inscrição como condição da possibilidade de mundificação de um mundo gera a força que faz o ‘nativo’ ver a si mesmo como ‘outro’” (1985b, p. 254). A referência de Spivak é Heidegger, que entende a mundificação do mundo como um empreendimento estético onde a poesia é um “dizer projetivo”<sup>7</sup> e a autora, em sua crítica pós-colonial ao alemão, insistiria na inexistência de olhar neutro, destacando que a mundificação moderna consiste em uma operação colonialista e generificada. Teóricas feministas e queer lançariam mão de sua crítica para insistir na possibilidade de “mundificação feminista” ou “criação de mundos” (*world-building*) para os quais se olha por novas lentes, feministas ou queer, reenquadrando o mundo<sup>8</sup>. Mundificar. O substantivo se torna verbal, é posto em ação, ganha a performatividade de um mundo.

Halberstam desvia da insistência em construir novos mundos para adiar o fim do mundo. Está interessado, sim, na possibilidade de recolocar ou deslocar os significados do mundo, mas busca especulações que abram espaço para quebrar, derrubar e desedificar. Quando recorre ao termo *unworlding* está interessado na crítica dos regimes de sentido desse mundo e na abertura de possibilidades de desfazer-lo e desconstruí-lo, mais do que o construir-lo ou reforma-lo. Estaria, pois, interessado em uma “anarquitectura da selvageria” (HALBERSTAM, 2020, p. 29). Pretende-se, então, olhar para um mundo que deve ser desfeito, tendo em conta que desfazer-lo supõe um trabalho árduo.

---

<sup>7</sup> A referência de Spivak é Heidegger em seu *A origem da obra de arte* (Heidegger, 2007). Para Heidegger “Mundo não é a simples reunião das coisas existentes. Mas mundo também não é uma moldura meramente imaginada, representada em acréscimo à soma das coisas existentes. O mundo mundifica (*Welt weltet*) e é algo mais do que o palpável e apreensível, em que nos julgamos em casa. Mundo nunca é um objecto que está ante nós e que pode ser intuído. O mundo é sempre o inobjectal a que estamos submetidos enquanto os caminhos enquanto os caminhos do nascimento e da morte, da bênção e da maldição nos mantiverem lançados no Ser. [...]. No mundificar é oferecida ou recusada a amplidão a partir da qual está congregada a benevolência dos deuses que nos guarda. Também esta fatalidade da ausência do deus constitui um modo como o mundo mundifica”. (p.35).

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, uma interessante discussão a respeito do cinema em: Skrodzka, Aga. “Feminist Worlding and World Cinema: The Case of Małgorzata Szumowska”. *Studies in World Cinema*. Vol. 1, No 2, DOI: <https://doi.org/10.1163/26659891-bja10007>, pp. 176-197, 2022.

## ANARCHÉ E A POSSIBILIDADE DE DESFUNDAR O PENSAMENTO

O termo anarquitectura é uma referência de Halberstam ao grupo homônimo, cujo mais conhecido membro é o (an)arquitecto Gordon Matta-Clark. Criado em Nova York na década de 1970, o grupo *Anarchitecture* contava com Matta-Clark, Laurie Anderson, Tina Girouard, Carol Goodden, Suzanne Harris, Jene Highstein, Bernard Kirschenbaun, Richard Landry e Richard Nonas. Seu nome, uma mistura de “anarquia” e “arquitetura”, foi concebido em uma conversa informal, uma das principais formas de colaboração do grupo. Em 1974, produziram a exposição de mesmo nome, expressando sua crítica aos impulsos modernistas da cultura contemporânea. Para o grupo, a arquitetura era a materialização dos piores efeitos dessa cultura e de sua estagnação.

Ainda que se tenha dado um papel central à arquitetura nos escritos sobre as confabulações do grupo, um movimento de desfundar a arché não pode ser reduzido ao espaço construído pensado de forma restrita. Para Laurie Anderson, o exercício começou com operações literárias e “não tinha muito a ver com as estruturas às quais acabamos chegando” (ANDERSON, 1977). Ao evocar o grupo, mas principalmente o trabalho de Matta-Clark, o arquitecto Mark Wigley (2009) sugeriu a anarquitectura como uma espécie de fantasmagoria do artista, enquanto para Ursprung, as ideias do grupo permaneceram “numa estase entre texto e ilustração, mantendo o significado aberto, recusando-se a fixá-lo na forma de arte. Eles tornaram sua questão transparente, exposta abertamente, como um livro aberto, para ser usado e abusado por qualquer um” (URSPRUNG, 2012, s/p). Aqui preferimos, seguindo Matta-Clark, pensar a Anarquitectura como uma atitude, o que de maneira alguma significa que ela esteja em todo lugar, como gostaria Ursprung.

Éric Alliez em seu artigo “Gordon Matta-Clark: ‘Somewhere Outside the Law’” (ALLIEZ, 2016), por sua vez, oferece um ponto de vista que pode ser colocado em conversa com Halberstam e sua estética do colapso. Para Alliez, mais do que criar uma fantasmagoria para o artista, a atitude da anarquitectura leva a uma destruição da “obra”. Consistiria, pois, em uma atitude de destruição redirecionada para desconstrução (*unbuilding*) por meio de cortes que se tornam operações para uma ontologia experimental do espaço

urbano. A atitude consiste em “desfazer o muro (*défaire le mur*) para liberar, performativamente e efemeramente, o espaço social de seus ‘limites arquitetônicos’ e de sua opressiva dialética público/privado” (ALLIEZ, 2016, p. 318).

Com a violência de suas intervenções, Matta-Clark avança para uma quebra com a “conceitualidade formalista da ‘arquitetura’”, de forma que “a palavra *extração*, utilizada por ele para descrever seus primeiros recortes (cut-outs)” (ALLIEZ, 2016, p. 318), se torne a melhor maneira de se referir à relação entre Matta-Clark e arquitetos, a partir de sua negação, visto que o artista os situa no extremo oposto do polo do que ocupa para realizar suas intervenções. Fazendo um pequeno desvio em relação a Alliez, mais do que uma negação, podemos ver como uma *saída* da relação.

Mais do que propor uma outra ou contra forma, a anarquitectura consiste em saídas da forma. “Nós somos anti-formais”, declara o grupo, e a atitude aqui consiste em uma experimentação que se repete indefinidamente, “mantendo um processo constante. Sem terminar / apenas seguir e começar e recomeçar de novo” (MATTACLARK *apud* ALLIEZ, 2016, p.321). A forma está sempre em movimento e por meio da extração as intervenções do artista podem dar a ver os o que estava enterrado (*Cherry Tree*, 1971) ou criar um estado de tensão (*Splitting*, 1974), um espaço-tempo experimental no instante que precede do colapso.

Em 1971, foi anunciada a exposição *Anarchitecture*, na rua Greene 112, em Nova York, onde o grupo de realizava seus encontros. Para a ocasião, Matta-Clark escavou o porão da casa, onde plantou uma cerejeira. Extração para a penetração das raízes da árvore na fundação do prédio, mais do que uma operação de oposição à forma pré-existente, consiste em perturbar as forças que até então existiam e deixá-las em estado livre para saídas que podem ser entradas de outras forças. Para além da intervenção em si, vale olhar para a intenção não concretizada do artista, que consistia em “cavar fundo o suficiente para que se pudesse ver as verdadeiras fundações, o espaço removido abaixo da fundação e para liberar as enormes forças compressoras e confinadoras do prédio simplesmente fazendo um buraco. Transitar livremente sob uma área antes tão dominada por restrições gravitacionais – teria sido memorável!” (MATTACLARK *apud* ALLIEZ, 2016, p.319).

A atitude consiste em anarquizar, desfundar o fundamento, a *arché*, para adentrar o subterrâneo ou fazer emergir o sem-fundo, por meio dos cortes necessários para que tudo esteja a ponto de colapsar.

Ainda não chegamos ao ponto de imaginar mundos possíveis. Podemos, no entanto, revirar os escombros em busca de uma estética do colapso diante das (im)possibilidades de representação da catástrofe. Que nos atentemos para uma estética do colapso é a sugestão de Halberstam, e aqui seguimos seus passos. O autor nos permite ir além de uma relação de negação quando se refere a desconstruir o mundo. Para Halberstam (e em certa medida Alliez também aponta para esse caminho), os cortes de obras como *Splitting* (1974), *Day's End* (1978) e *Conical Intersect* (1975) “ensaia não apenas um desfazer da teoria arquitetônica e uma recusa de certos paradigmas políticos para o ambiente urbano. Eles também, talvez inconscientemente, postulam a desconstrução de certas lógicas binárias do corpo” (HALBERSTAM, 2018, web).

O interesse em tomar os cortes como queer é justamente a possibilidade de que entendamos queer como estranheza, experiências que buscam operar fora do regime do normal. Desconstruir é desertar, e, de certa forma, declarar guerra social. Sendo assim, consiste em construir um olhar aberrante, entendendo que não queremos um lugar na mesa de negociações, pois “queremos arruinar a dominação em todas as suas mais variadas e entrelaçadas formas. Essa luta que habita toda relação social é o que nós conhecemos como guerra social” (MARY NARDINI GANG, 2020, p. 25), pois se desejamos um mundo sem restrições ou fronteiras “temos que estilhaçar este por completo” (MARY NARDINI GANG, 2020, p. 30). A fim de destruir tudo, o que interessa apreender dos cortes de Matta-Clark é a atitude que cria espacialmente uma “meditação sobre a bifurcação do eu em mente/corpo, bem como masculino/feminino, e uma crítica ao próprio projeto formal da arquitetura – tudo isso oferecendo múltiplas rotas de fuga dos sistemas que marcam e reivindicam corpos e espaços” (Halberstam, 2018, web).

É nessa perturbação do sistema por meio de cortes que buscamos as ferramentas para deslocar os significados que damos ao mundo hoje. *Splitting* é uma obra

apresentada tanto em vídeo, como em fotomontagens. Para o experimento, realizado entre março e junho de 1974, Matta-Clark usou uma motosserra para cortar uma casa de Nova Jersey programada para demolição. Durante o processo de esculpir a fundação, é colocada em ação a ideia original não realizada de *Cherry Tree*, a liberação de forças até então presas à lei da gravidade por meio da desconstrução da fundação. A imprevisibilidade das forças fica clara quando o artista comenta o assombroso suspense do processo, pois o comportamento da estrutura era imprevisível. A estrutura, relata o artista, “agiu perfeitamente. Veio abaixo como um sonho” (MATTA-CLARK *apud* ALLIEZ, 2016, p. 322). O corte operado em *Splitting* tem como componente necessário a demolição iminente e os registros em vídeo mostram a casa e um “ser posto em tensão generalizado” (ALLIEZ, 2016, p. 322).

Com a proliferação de fotomontagens, o corte é refeito e as forças são novamente liberadas e postas em tensão de novo e de novo, fazendo proliferar potencialmente *ad infinitum* a tensão que é necessária para tudo colapsar. É essa busca pela criação constante de tensão que pode ajudar a olhar para os muros e fronteiras que imobilizam ou deslocam pessoas, fluxos e forças hoje. Ao se referir a *Splitting* Halberstam retoma a análise de Alliez e ambos destacam o movimento de inclinação que produz a abertura e a inabitabilidade da casa:

“é esse movimento que podemos entender como anarquitetônico; não o corte em si, mas a inserção do que Matta-Clark chamou de ‘abismo’ na forma construída e, portanto, a destruição do próprio propósito da casa. A casa não era mais uma ruína depois que ele a divide”. (HALBERSTAM, 2018, web)

É ação violenta de dividir a casa que, como esperava Laurie Anderson (1977) dos experimentos do grupo, desloca a gramática e a linguagem que conhecíamos até então. Existe, aí, um encontro com uma “gramática da desconstrução (*unbuilding*) inerente à negatividade queer, aos projetos abolicionistas, ao fracasso queer e à trans-anarquia” (HALBERSTAM, 2018, web). Matta-Clark extrai mundos das ruínas da Nova York dos anos 1970, mundos esses que não “foram criados a partir de uma plenitude utópica” (HALBERSTAM, 2018, web).

Desfundar o fundamento passa por uma gramática da quebra. Aqui fechamos com Halberstam, e vamos em busca de deslocar as gramáticas e os sentidos, em um movimento que permita “destruir construções de normalidade” e buscar deslocamentos “pra instigar fraturas, não apenas da dominância assimilacionista, mas do próprio capitalismo. Essas posições podem se tornar ferramentas de uma força social pronta pra criar uma ruptura completa com este mundo” (MARY NARDINI GANG, 2020, p. 29).

## **BARRAR OS FLUXOS, ERGUER FRONTEIRAS**

A pandemia nos fez ver que estamos conectados, como sugere Judith Butler (2021) em seu artigo “Traços humanos na superfície de mundo”. Barrades em casas de detenção de São Paulo ou deslocades para Martha’s Vineyard, as sistemáticas estratégias de controle dos fluxos nos fazem ver as múltiplas tentativas de clivagem em um mundo que é, efetivamente, inseparável.

Não se pretende com as obras que apresentamos aqui construir uma solução, mas reunir ferramentas que colaborem na construção de uma perspectiva que torne impossível a ânsia por erigir muros e edificar reformas.

A intenção desse ensaio é realizar deslocamentos no próprio pensamento para podermos, assim, deslocar os quadros referenciais do que chamamos de mundo. Buscou-se em Matta-Clark experiências de fraturas para liberar as forças, experiências essas que ajudam a pensar a questão somatopolítica do presente.

É habitando o espectro de pensamento criado no encontro com os cortes de Matta-Clark que olhamos para alguns trabalhos de Francis Alÿs, escolhidos como ponto de entrada para pensar especificamente o processo de fronteirização que sustenta a violência organizada no presente século. Alÿs, de origem belga e arquiteto de formação, se mudou para a Cidade do México em 1986, onde reside ainda hoje. Muitos de seus trabalhos dos anos 1990 eram realizados na própria capital mexicana, onde o artista tentava refletir sobre o espaço e tempo nas metrópoles contemporâneas (DE LAURENTIIS, 2019; BARZAGHI 2014a, 2014b).

Pode parecer estranha a sugestão de que nas obras de dois homens cis podemos encontrar uma atitude anarquitetônica, estranha - queer no sentido atribuído ao termo pela Mary Nardini Gang (2020). Mas feito o esforço de deixar de lado a identidade do artista, tendo em vista que a identidade é uma das primeiras produções do poder e que as obras não são redutíveis a quem as produz, podemos ver nos cortes de Matta-Clark não um movimento masculinista de violação do lar feminino, mas um gesto que não se insere mais nos termos binários masculino/feminino, rua/lar, doméstico/selvagem, o corte produz uma ruptura dos próprios termos. Assim, se considerarmos que, como queria Foucault a respeito de seus livros, as obras podem ser tomadas como bilhas que rolam, não adianta perguntar quem é o autor antes de saber se essas bilhas estão envenenadas. Não é pelo fato de perguntar “quem é você” que podemos saber se o que essa pessoa produz é utilizável (FOUCAULT; POL-DROIT, 2006).

No caso de Alÿs, que além de tudo é europeu, separar obra e artista pode parecer uma proposta quase indecente, daí que seja válido notar também como em suas próprias obras, como por exemplo *Turista* (1994), Alÿs torna visível, testa e desloca seu status de estrangeiro, de *gringo*.

No período entre 2004 e 2008, realizou uma série de esboços e experimentos que resultaram no vídeo de dois canais *Don't cross the bridge before you get to the river* (2008) no qual se pretende realizar a tarefa de criar uma linha viva e visível entre África e Europa: “uma fila de crianças, cada uma carregando um barco feito de sapato, sai da Europa em direção ao Marrocos, enquanto uma segunda fila de crianças com barcos-sapatos sai da África em direção à Espanha. As duas linhas se encontrarão no horizonte” (ALÿS, 2008, web). O trabalho foi realizado o estreito de Gibraltar, cujos 13 km de extensão são a conexão entre Europa e África, sistematicamente produzido como uma separação entre os dois continentes, separação essa que resulta na morte por afogamento de milhares de pessoas ao ano. O artista se diz interessado na possibilidade de construir uma ponte entre os dois continentes (ALÿS, 2008), mas tal ideia reiteraria a noção fictícia de que o globo é feito de separações. Para os efeitos pretendidos aqui, precisamos abandonar essa ideia, extraí-la ao estilo de Matta-Clark. A separação só existe *nesse* mundo, é uma ficção dessa Humanidade, e nos discursos

de separação vemos o que está apagado, que é a própria inseparabilidade do planeta apesar dos sistemáticos esforços que avançam e atuam na direção contrária. É notável que “a ponte de barcos nunca foi construída;

as tentativas das crianças de se manterem na linha são frustradas; elas são trazidas de volta para a costa, como as ondas”.  
(GODFREY, 2010, p. 27)

O que nos interessa nesse trabalho de Alÿs não é tanto a intenção declarada de construir uma ponte, mas a forma como a frustrada tentativa do artista dá a ver a inseparabilidade que sempre esteve lá e a operação que, no entanto, existe de fato entre regiões que foram separadas discursiva e administrativamente. O que quero reter de Alÿs não é tanto a intenção de construir pontes do zero. Ao contrário, interessa a destruição de uma separação imaginária e que, no entanto, existe por meio de uma produção sistemática que se efetua na morte de quem se afoga tentando chegar na Europa ou sua reclusão em campos ou deportação.

Aqui, operações de controle de fluxos nas fronteiras e o confinamento em campos são trazidas à vista e se olhamos para sua obra *The Loop* (1996), na qual Alÿs planejou sair do México para chegar aos Estados Unidos da América evitando a fronteira política entre os dois países, a ficção das fronteiras e sua repercussão mortal no mundo real também são escancaradas. Para isso, evitou tomar a rota direta através da fronteira e voou na direção oposta, ao redor do mundo, passando pela Austrália, Ásia e chegando aos EUA via Canadá. Assim, é tornado inegável o absurdo das fronteiras nacionais e dos controles fronteiriços. Quando se trata de cruzar fronteiras, Alÿs é invisível, tem passe livre, daí que, ao tornar visível sua livre-circulação pelo mundo a fim de evitar uma única fronteira, o artista sublinha a imobilização de tantos outros. As duas obras de Alÿs ressoam Mbembe, lembrando que a

“violência infligida nas fronteiras e pelas fronteiras se tornou um dos traços marcantes da condição contemporânea. Pouco a pouco, a luta contra a chamada migração ilegal tem tomado a forma de uma guerra social agora travada em escala global”  
(MBEMBE, 2021, p. 182).

2 milhões de pessoas foram detidas no ano de 2022 na fronteira sudoeste dos Estados Unidos da América, sejam passantes consideradas imigrante ilegais ou

requerentes de asilo (THE NEW YORK TIMES, 2022). O governo de deslocadas se torna, então, central nas agendas globais de segurança e, na era do Antropoceno, as fronteiras não se resumem mais aos limites administrativos e estão onipresentes, tornaram-se nano fronteiras implementadas por dispositivos eletrônicos de monitoramento e controle que assinalam a cada toque quem é parte do grupo de pessoas que pode circular livremente, separando-as de todo o resto que, muitas vezes imobilizado, tem acesso ao mundo todo via redes sociais.

A tensão entre liberdade e segurança que outrora estava nas bases da democracia liberal foi reconfigurada e “a segurança agora supera a liberdade” (MBEMBE, 2021, p. 83). Regular os fluxos de pessoas se torna uma operação fundamental em tempos em que se deve identificar todo custo todas as variáveis de cada aparição. Mas se a fronteira acompanha os quadros referenciais da representação do mundo, nos cabe perguntar como opera a fronteirização no cotidiano. Por fronteirização, entende-se “o processo pelo qual os poderes deste mundo continuamente convertem certos espaços em lugares intransitáveis para determinadas categorias de pessoas” (MBEMBE, 2021, p. 76), processo esse que é uma forma de travar a guerra contra estratos da população agora transformados em montes de carne humana.

A tentativa fracassada em contruir a ponte se torna mais interessante do que a intenção de a edificar. A construção impossível de Alÿs se alinha à desconstrução de Halberstam, pois existe certa satisfação no fracasso, uma recusa ao desfecho engendrada pelo próprio processo. Às vezes fazer algo não leva a nada é um dos principais axiomas que orienta os processos em muitas das obras de Alÿs, como a famosa performance na qual o artista empurra um bloco de gelo pelo centro da Cidade de México por horas a fio até que esse derreta por completo.

Se voltamos aos anos 1970 é para perguntar sobre aquilo que precisamos *extrair* para que vejamos a fundação - não apenas a *arché*, mas as estruturas que sustentam o capitalismo contemporâneo. Vivemos em uma época caracterizada pela geração ininterrupta de todos os tipos de fluxos (MBEMBE, 2021) e o padrão polinuclear das redes digitais é materializado na expansão urbana (TADIAR, 2022). Vias controladas por pedágios - internet, rodovias ou aerovias - conectam potencialmente cada rincão

do mundo, e a inclusão nas possibilidades de circulação são o que, cada vez mais, define as cidades. Como sugere Neferti Tadiar, “em uma economia biocapitalista-comunitativa global, na qual a própria circulação se tornou valor produtivo” (TADIAR, 2022, p.146), as vias tributadas (*tollways*) configuram um mecanismo nas novas formas de regulação e controle social que sustentam a reorganização da vida urbana e sua expansão *fractal* através de redes mediatizadas cada vez mais profundas e em constante expansão, que moldam espaços físicos, psíquicos e sociais.

Por um lado, fronteiras, muros, prisões e campos, não cessam de materializar em toda sua concretude o desejo por separação. Por outro, as cidades se tornam o palco para os efeitos dissimulados da neurose fóbica e do medo de contaminação que suscitam estados de insegurança e a busca por endogamia. É por meio da circulação que se distribuem os graus de inclusão no sistema e a probabilidade de incidência da morte prematura. A brutalização opera pelo encarceramento e deslocamento, mas também pela inclusão, que não deve ser entendida aqui como oposta a exclusão, mas como uma forma mais eficiente de controle discriminatório e securitário. Todes podem, em teoria, circular por qualquer lugar, mas apenas algunes têm essa possibilidade de circulação livre assegurada, seja por um passaporte ou por sua participação no sistema de crédito.

Pessoas morando embaixo de viadutos alugam bicicletas do banco mais rentável de América Latina ou do próprio aplicativo que as taxa por seu trabalho fazendo entregas; assim, pagam para trabalhar e garantem a vida biológica de quem faz parte dos 10% da capital financeira do país mais desigual dessa mesma América que pode se dar ao luxo de se isolar socialmente. Enquanto isso, as obras não param na geografia do encarceramento. O estado de São Paulo, em 2022, conta com 179 unidades prisionais que se espalham pelo território redistribuindo as pessoas imobilizadas e a produção de riqueza em torno dessa parte à parte, a vida excedente que não é descartada por ser muito rentável.

Assim, a redistribuição das riquezas e pessoas depende da construção civil e a produção do espaço que performa a decretação da diferença em uma época que se caracteriza pela tecnologização das fronteiras e pelo que Mbembe (2021) aponta

como o *retorno dos campos*. Campos de refugiades? De deslocades? Abrigos? Só há um nome possível para o destino de quem é capturado tentando entrar na Europa: campos de estrangeiros. As fronteiras são

“apenas a parte visível de dispositivos e instalações [...], que surgiram em resposta à questão do que fazer com os fluxos de dejetos, isto é, com a humanidade excedente. [...] As fronteiras e outras instalações também são plataformas de supertriagem. Os corpos-fronteiras compõem esses mundos de dejetos.” (2021, p. 158)

A materialidade da fronteirização está nos campos de Lesbos e Lampedusa, bem como na fronteira nanotecnológica que assinala quem pode circular por aí.

As ponderações de Mbembe ao olhar para a Europa são facilmente transponíveis para as Américas quando olhamos os acontecimentos do dia 17 março de 2020 em São Paulo e 17 de setembro de 2022 em Martha’s Vineyard. A fronteirização não se resume às fronteiras, ela se torna a *arché* do mundo em que vivemos e que aqui não pretendemos salvar.

O escândalo envolvendo o governador da Flórida é eficaz em esconder a fundação, produzindo um tipo de métrica da violência que transforma em tolerável os níveis cotidianos de violência que incide sobre quem tenta cruzar fronteiras. O próprio furor “humanitário” e a ideia de crise escondem que a fronteirização é o nome da violência legitimada de uma lógica colonialista de extermínio e encarceramento. Chega-se a ter uma imagem positiva dos campos, aqui e acolá, e, tentando salvar a Humanidade, corre-se o risco de acreditar na gestão de crises como salvação para um modo de produção que justamente produz a crise como forma de se expandir em direção ao limite, reencontrando-o sempre em uma nova escala, ampliada, pois o limite é o próprio capital (DELEUZE, 2000).

Nas cidades, o nome da fronteira é prisão. Mas há muito que a lógica carcerária não se resume à prisão-prédio e é a fundação do espaço urbano, materializada na forma de avenidas, pontes, rodovias, linhas de trem, mas também em redes de fibra ótica e praças com wi-fi livre. Tais vias de circulação organizam a distribuição dos fluxos e de Martha’s Vineyard migrantes são (re)deslocados para serem “acolhidos” em uma

base militar. E correm o risco de ali ficarem imobilizadas, aprisionadas, como ficaram es refugiades de Moria até o campo ser incendiado, em 2020<sup>10</sup>.

Dizem que o incêndio em Moria foi provocado por pessoas que viviam ali. Como nos presídios de São Paulo, a reduzida mobilidade foi completamente interrompida com a desculpa de evitar a circulação do coronavírus. Esses excedentes populacionais passam a ser vistos como a corporificação de uma ameaça invisível que coloca em risco a perpetuação *dessa* Humanidade *nesse* planeta. E cidadãos e cidadãs (de qualquer espectro político) que têm medo da contaminação justificam os mortos como parte das medidas necessárias pra garantir a perpetuação da espécie. Que fiquem encarceradas e agradeçam a benevolência do confinamento em campos, mas saibam que podem terminar deportadas com uma canetada. Que fiquem em cidades santuário, redutos liberais onde migrantes legais ou ilegais são inseridos na lei para ter direitos e de quebra poderem ser usados como força de trabalho. Ao todo são 12 estados (Califórnia, Colorado, Connecticut, Illinois, Massachusetts, Nova Jersey, Novo México, Nova York, Oregon, Vermont e Washington) e 179 cidades que se declararam como santuários nos Estados Unidos.

Que fiquem preses em prisões superlotadas e tratem de ser grates por não serem fuziladas a queima roupa porque estão perturbando a ordem e as Forças Armadas têm autorização para intervir. E quem está encarcerado que aceite de bom grado trabalhar produzindo máscaras (não para si mesmas) para amenizar os efeitos da pandemia<sup>11</sup>. E por cidades de todo o mundo pobres que tratem de ter um celular, uma boa avaliação, alugar uma bicicleta, garantirem seu acesso ao mercado de trabalho e que morem na rua ou no abrigo, mas tratem de lavar as mãos na hora que forem entregar as compras na casa de uma família precavida vivendo uma vida embalada à vácuo. E, assim, essa humanidade excedente é posta em combustão constante como parte da produção

---

<sup>10</sup> Em setembro de 2020, o maior campo de estrangeiros da Europa foi destruído em um incêndio, deixando mais de 12 mil requerentes de asilo desabrigados. Ver: <https://www.dw.com/en/fire-sweeps-moria-migrant-camp-on-lesbos-greece/audio-54862351> . Último acesso: 22/12/2022

<sup>11</sup> As Apacs, também conhecidas como “prisões humanizadas”, empregaram detentes de suas unidades na produção de máscaras e reforma de hospital. Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/04/presos-produzem-5-mil-mascaras-por-dia-e-reformam-hospital-com-70-leitos-para-pacientes-de-coronavirus.shtml> . Acesso em 20/12/2022.

sistemática de contenção desses mesmos corpos. São transformadas na lenha e no carvão que movem as engrenagens de um mundo que não pode ser salvo.

Não é difícil notar como a lógica das redes e fronteiras se reproduz na produção do espaço urbano das mais diversas megalópoles do globo. Se Nova York há muito não tem mais o aspecto de colapso dos anos 1970 e o aburguesamento dos centros por algum tempo ocupou as discussões entre arquitetos e urbanistas de cidades como Barcelona ou São Paulo, hoje a lógica da fronteirização se dá na construção de novas centralidades. Urbanizar, hoje, não é apenas policiar, mas controlar os modos de aparição para garantir a segurança. O controle da circulação tão evidente nos prédios de detenção ou contenção têm sua reprodução dissimulada na realocação de recursos que garantem que novas centralidades sejam produzidas e que as pessoas voltem para “o lugar de onde vêm” depois de exercerem seus trabalhos nas regiões centrais das cidades.

Arquitetos e urbanistas bem-intencionados falam de novas centralidades como ongueiras casadas com banqueiros falam de prisões humanizadas e democratas falam orgulhosos de seus estados ou cidades santuário. Tratam-se, em todos os casos, de operações sistemáticas de fazer desaparecer a fundação do brutalismo. A construção das cidades e das fronteiras é inseparável da uma história de sangue e é para ela que devemos olhar a fim de destruir os enquadramentos que temos do mundo e liberar as forças para circular livremente em direção ao colapso, como gostaria Matta-Clark.

A escolha pela atitude anti-formal consiste em extrair do espaço produzido o que sustenta seu fundamento, também extrair das palavras fragmentos para que vejamos os processos de nomeação que seguem produzindo imagens e outras palavras que escondem os efeitos mortais da produção do mundo. Trata-se de trazer à vista quais palavras nomeiam a violência organizada a fim de torná-la justificável, tolerável e até desejável para quem ainda tentar salvar as formas e fórmulas mortíferas desse mundo. A decisão pela impossibilidade de acreditar na reforma leva, aqui, a uma recusa ao futuro e parece impossível dar conclusão a um ensaio que não pretende chegar a lugar nenhum, pois consiste em um exercício de escrever

desde um mundo que no qual a catástrofe já aconteceu. Já estamos aqui, quebrando vidraças e cruzando fronteiras, buscando por debaixo da terra, chafurdando nos escombros para tentar arrancar daí a força destrutiva necessária para habitar o instante que precede o colapso só o tempo suficiente para potencializar o corte que nos levará à quebra.

## **DESFRONTEIRIZAR A PÁTRIA, SELVAGERIZAR O LAR**

Quando Matta-Clark serra uma casa ao meio, mais do que uma atitude virilista e violadora do lar, o que seu corte desconstrói é o desejo pelo lar e por sua domesticidade. Um movimento similar pode ser visto na obra de Rachel Whiteread *House* (1993), na qual o espaço do lar, o interior da estrutura que forma a casa, é preenchido e é essa operação de saturação do vazio que permite eliminar a estrutura em si. Aqui, é ao trazer à vista o lar que Whiteread o desconstrói. Em *Splitting* e em *House* a forma resulta da anti-forma e é isso que configura uma atitude em direção à anarquitectura que constrói uma nova gramática que se desfaz dos mais arraigados pressupostos do nosso mundo, o lar e a domesticidade como estruturas desejáveis.

Quando Alÿs dá a volta ao mundo para cruzar uma fronteira, o artista faz um movimento similar ao de Whiteread. Seu percurso é o que permite ver a estrutura que agora não está mais ali, ficções que produzem efeitos materiais que o artista desestabiliza. Ao lançar mão de sua possibilidade de mover livremente pelo globo, Alÿs satura a própria circulação e podemos ver ao mesmo tempo sua condição de passante desimpedido – vantagem de ser europeu – e a absurda existência das fronteiras. Se entendemos a nacionalidade como uma versão expandida do lar, uma espécie de domesticidade coletiva, o movimento de Alÿs ao redor do globo ou sua ponte fracassada têm em comum a anti-forma que escapa às fundações primordiais da heterolândia, ou hétero-colonial-patriarcado, as fronteiras que definem constantemente quem pode estar dentro e quem deve estar fora, sabendo que quem deve ser mantido fora é sempre aquele que se considera poder exterminar. E aquelas que porventura sejam toleradas no interior das fronteiras, precisam ser

domesticadas, daí que destruir o desejo pela segurança do lar e da pátria se torne, como em Matta-Clark e Whiteread, uma atitude anarquitetônica.

Cortar uma casa ao meio pode ser uma forma de desfazer o doméstico, da mesma forma que a ponte impossível pode ser uma forma de desfronteirizar. Os movimentos aqui realizados podem inventar saídas dos becos sem saída que os originam. Não há futuro, mas ainda estamos no tempo da catástrofe, no colapso, no instante que o precede e já o é. Sendo assim, a meditação de concentração que esse ensaio tentou operar foi a de colocar algumas forças em movimento para que talvez seja possível devolver o poder de escandalizar às vidas que soçobram em fronteiras, presídios e campos humanizados de toda sorte. Para que após a conclusão da leitura, só sobre o imperativo de desfronteirização.

corta!

## BIBLIOGRAFIA

- ALLIEZ, Éric. Gordon Matta-Clark: 'Somewhere Outside the Law'. *Journal of visual culture*, Vol. 15(No 3), pp. 318-333, 2016.
- ALÿS, Francis. *Don't Cross the Bridge Before You Get to the River*.
- Em colaboração com Rafael Ortega, Julien Devaux, Felix Blume, Ivan Boccara, Abbas Benhim, Fundación Montonmedio Arte and the kids of Tangier and Tarifa. Strait of Gibraltar, Morocco-Spain; 7:46 min, 2008.
- Disponível em: <https://francisalys.com/dont-cross-the-bridge-before-you-get-to-the-river/> Acesso em 20/12/2022.
- ANDERSON, Laurie. *Notebook*. New York: The Collation Center, 1977.
- ARRESTS at Southwestern Border Exceed 2 Million in a Year for the First Time. *The New York Times*, 19 de Setembro de 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/09/19/us/politics/us-border-arrests.html>
- BARZAGHI, Clara. *Francis Alÿs: percursos e desvios*. Trabalho Final de Graduação, FAUUSP, 2014a.
- BARZAGHI, Clara. Francis Alÿs: olhar para a cidade a partir de uma prática artística. *Ecopolítica*, n.9, 2014b.
- BUTLER, Judith. *The Force of Non-violence: An Ethico-Political Bind*. New York: Verso Books, 2020.
- BUTLER, Judith. Traços humanos na superfície do mundo, trad. de Clara Barzaghi e André Arias. In: P. Pelbart, ed. *Pandemia crítica*. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, 2000.
- FOUCAULT, Michel; POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: entrevistas*. trad. de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: edições graal, 2006.
- FOX News, 2022. Martha's Vineyard's 'humanitarian crisis' statement ridiculed on social media: 'Screw them, send more'. *Fox News*, 16 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.foxnews.com/media/marthas-vineyards-humanitarian-crisis-statement-ridiculed-social-media-screw-them-send-more> . Acesso em 20/12/2022.
- GODFREY, Mark. Politics/Poetics:The Work of Francis Alÿs. In: Mark Godfrey, Klaus Biesenbach and Kerry Greenberg eds. *Francis Alÿs: A Story of Deception*. Londres: Tate Publishing, pp. 8-34, 2010.
- HALBERSTAM, Jack.. *An Aesthetics of Collapse*. Lincoln(Nebraska): Sheldon Museum of Art, 2021.

- HALBERSTAM, Jack. *Wild Things: the Disorder of Desire*. Durham, London: Duke University Press, 2020.
- HALBERSTAM, Jack. Unbuilding Gender Trans\* Anarchitectures In and Beyond the Work of Gordon Matta-Clark. *Places*, Oct. web, 2018 Disponível em: <https://placesjournal.org/article/unbuilding-gender/> . Acesso em 22/12/2022
- HEIDEGGER, Martin., 2007. *A origem da obra de arte*, trad. de Maria da Conceição Costa, Lisboa: edições 70.
- DE LAURENTIIS, Clara. Francis Alÿs: Encontros e percursos na Cidade do México. *Concinnitas*. v.20, n. 36, 2019.
- MARY NARDINI GANG *et al.*, 2020. *Bash back! ultraviolência queer*: antologia de ensaios. Trad. de Pontes outras. São Paulo: crocodilo; n-1 edições.
- MILITARY Times. Migrants in Martha's Vineyard given shelter at Joint Base Cape Cod. *Military Times*, 22 de Setembro de 2022.
- MBEMBE, Achille. *Brutalismo*. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2020.
- OFFICE of the Texas Governor. *Operation Lone Star Buses More Than 10,000 Migrants To Sanctuary Cities*. [Online] , 2022. Disponível em: <https://gov.texas.gov/news/post/operation-lone-star-buses-more-than-10000-migrants-to-sanctuary-cities#:~:text=Texas%20has%20also%20bused%20over,to%20our%20overwhelmed%20border%20communities> . Último acesso: 20/12/2022
- SPIVAK, Gayatri C.. Three Women's Texts and a Critique of Imperialism. *Critical Inquiry*, Autumn, Vol. 12(No. 1), pp. 243-261. 1985a.
- SPIVAK, Gayatri C.. The Rani of Sirmur: An Essay in Reading the Archives. *History and Theory*, October, No 3, pp. 247-272, 1985b.
- TADIAR, Neferti., 2022. *Remaindered life*. Duke university press: Durham e Londres, 2022.
- URSPRUNG, P., 2012. "Anarchitecture: Gordon Matta-Clark and the Legacy of the 1970s". *Lecture in Singapore*. FCL: Future Cities Laboratory, disponível em; <http://www.fcl.ethz.ch/fclgazette/gazette-17-anarchitecture-gordon-matta-clark-and-the-legacy-of-the-1970s-pdf/>. Acesso em 20/12/2022.
- WIGLEY, M. 2009. Anarchitectures: The Forensics of Explanation. *Log*. No 15, pp. 121-136.